

FHC não é leão

Carlos Chagas

10 FEV 1995



Dia 15 o presidente Fernando Henrique Cardoso envia sua primeira mensagem ao Congresso, pela abertura dos trabalhos do ano. Um dia depois, pela manhã, encaminha o elenco inicial de emendas à Constituição e, logo após, concede entrevista coletiva à imprensa. Será a primeira, depois da posse, marcada para o Palácio do Planalto. Até lá, o presidente continuará reunindo o Conselho Político e recebendo diariamente líderes e dirigentes de partidos, e do Congresso em seu gabinete, além de estender à sociedade civil os seminários realizados com as bancadas parlamentares. Com uma novidade: na próxima terça-feira será a vez da CUT, da Força Sindical e de outras entidades sindicais de cúpula, e Fernando Henrique fará questão de comparecer pessoalmente. Almoçará com os chefes dessas organizações, tudo no esforço de reunir apoio para as reformas constitucionais.

Não dá, assim, para criticar o governo por não estar fazendo política, ou por fazer política em ritmo arrastado. Mais seria impossível, ficando claro que o coordenador é o próprio presidente, ainda que secundado pelo ministro da Justiça e pelo vice-presidente Marco Maciel.

Diante dessa agenda repleta, um amigo perguntou a FHC se não estariam aí as causas de suas dores na coluna vertebral, coisa que ele negou. Disse já estar recuperado e apontou a causa num episódio doméstico: um de seus netos ia derrubando um vaso de razão-vel porte, no Alvorada, e ele preci-

sou esticar-se para evitar a queda. Ouvindo história passada com Tancredo Neves, que não fazia exercícios e indagava dos interlocutores se já tinham visto algum leão fazer ginástica, o presidente riu e puxou para a modéstia, explicando que, por não ser leão, dedica-se a uma série de atividades físicas, todos os dias.

Fernando Henrique está no caminho certo quando começa a marcar periodicamente entrevistas coletivas. Elas servem para manter a majestade do cargo, evitando declarações de beira de calçada ou de saída de solenidades, e abastecem de forma bem mais estruturada as informações de que necessitam os meios de comunicação. A idéia é de entremear entrevistas e pronunciamentos em cadeia de rádio e televisão, sem exageros mas rotineiros, abordando os temas da

atualidade. A fala da última sexta-feira não se deveu à divulgação, na véspera, de pesquisas sobre queda na popularidade presidencial. Já estava marcada, por conta da posse do novo Congresso, assim como fixada anteriormente a que se seguiu, terça-feira, a respeito de tema específico, a educação. Uma novidade nessas rápidas aparições nos vídeos e microfones é que continuarão acontecendo no meio do dia, não à noite. Haverá, assim, tempo bastante para que jornais e emissoras repercutam o conteúdo, sem ser surpreendidos e obrigados apenas à divulgação pura e simples das mensagens.

E por falar nelas, está sendo vista como peça essencial de governo aquela que o chefe da Casa Civil encaminhará ao Congresso, dia 15. No texto estarão repetidas as diretrizes maiores de governo e as ações particularizadas em cada setor.

A conclusão das informações referidas é de que o governo funciona conforme o estilo do presidente, ou seja, sem impactos, surpresas, pacotes ou sucedâneos. As iniciativas vão sendo anunciadas e costuradas com transparências, no mesmo modelo que FHC imprimiu ao Plano Real, quando ocupou o Ministério da Fazenda. Pode ser uma boa estratégia, caso não sobrevenham inusitados, dentro do princípio maior de que o Palácio do Planalto encaminhará sugestões ao Congresso, para reformar a Constituição, mas de que a palavra final caberá a deputados e senadores.

Carlos Chagas é jornalista e professor da Universidade de Brasília